A

Máscara

“Capítulo I”

Norte da Escócia,

Stirling era um magnífico castelo construído sobre uma maciça constituição rochosa que julgavam ser de origem vulcânica, o que tornava o paredão de pedra lindo quando contemplado de longe, mas também quase inexpugnável ao inimigo. Fora outrora palco de grandes batalhas e vira rei após rei lutar pelo único ideal que assolava os Escoceses, a liberdade de seu povo dos domínios britânicos. O rei Duranty não fora diferente vinha a anos lutando para manter a paz e a ordem entre os escoceses e acima de tudo garantindo acordos para manter seu povo livre.

Casara-se com a rainha Elizabethy II filha do rei da Inglaterra, em uma tentativa inútil de manter a paz

entre os dois países, mas o fato era que ele se apaixonara por Elizabethy e teria roubado-a se preciso fosse. Amara e fora muito amado tiveram dois filhos. Eduard seu primogênito e Eleroy. Estes eram muito parecidos fisicamente, mesmo porte físico mesmo dom para luta, porém Eduard era justo, leal e fiel aos seus princípios, a sua honra, acima de tudo amava sua família e seria capaz de sacrificar-se por seu povo quando chegasse a hora. Já Eleroy, observava o rei com infelicidade, ao contrário de seu irmão era frio, cruel e vingativo, e acima de tudo sentia muita inveja do irmão mais velho, sabia que ser assim só prejudicaria a toda família em um futuro próximo.

E este era o maior medo e preocupação do rei, de que quando não estivesse mais ali para intervir, os dois irmãos acabassem por matar um ao outro. Por que sim Eduard seria o herdeiro legítimo ao trono e seria o rei quando Duranty se fosse, um bom rei tinha certeza, já Eleroy invejava o irmão em tudo e isso poderia causar um grande conflito entre eles. Duranty já vira histórias assim terminarem em tragédias e traições ocorrerem mesmo entre irmãos, o poder podia ser uma maldição aos que não sabiam lidar com ele.

Agora ao lado da rainha ele pensava em sua vida, desejaram tanto uma menina doce como Elizabethy para completarem a família perfeita que eram, mas já

havia Sara a filha de Liz que amava como se fosse sua. Quando o pai dela e então seu capitão do exército morrera para lhe salvar a vida Duranty sentira-se na obrigação de cuidar de Sara e lhe dar o pai que não teria por sua culpa. A menina respondera a altura, inteligente, gentil e doce fizera parte da família onde à rainha lhe educava e cuidava como a uma filha. Mas agora Elizabethy morria em seus braços e ele nada poderia fazer para impedir.

A rainha havia dado a luz com grade dificuldade, sua tão sonhada filha realmente nascera. Fraca e pequena Liz havia lhe dito que não sobreviveria, Elizabeth sua amada esposa também perecia em seus braços por perder quase todo o sangue de seu corpo. Sentia-se culpado, por que fora por seu desejo de ter uma menina que agora perdia sua amada esposa.

Duas horas depois Elizabeth morria, e o rei se confinara em seus aposentos assim que ela fechara seus olhos, permanecera até o fim ao seu lado na tentativa inútil de lhe dar algum conforto, mas sua dor era profunda demais e não estava preparado para perdê-la. Não quisera ficar com a filha não tinha condições não saberia o que fazer para ajudá-la e pediu que Liz cuidasse da menina. Mas na manhã seguinte a menina não resistiu a faleceu estava muito fraquinha e não conseguia nem se alimentar, todo o esforço da rainha

afinal havia sido em vão.

Foram realizadas as devidas cerimônias de despedida durante o período de sete dias e então a rainha foi levada ao alto do castelo e seu corpo foi queimado junto com o de sua filhinha a quem chamara de Madeleine em homenagem a sua mãe. Fora uma linda cerimônia, mas muito triste também observava Liz que o rei estava inconsolável. E ela perdera a única pessoa além do rei que a tratava com dignidade e que não a olhava diferente por ser uma criada.

Liz era amiga de Elizabethy estavam juntas desde meninas e fora com ela que viera para Stirling quando esta se casara com Duranty. Era sua criada em Londres e o continuou sendo ali, conhecera seu amado marido que por ser leal ao rei morrera seis anos depois de terem se casado e tido Sara. Liz nunca poderia dizer a Elizabeth o quanto lhe era grata por ter cuidado dela e de Sara nos momentos mais difíceis. Agora apenas observava enquanto o rei caminhava até o corpo da rainha e de sua filha para colocar fogo e finalizar os ritos de despedida. Sentiria falta de sua amiga de infância, da garota que cuidara e vira crescer, que vira se transformar numa mulher justa e bondosa e agora partia de forma tão tola e sem sentido.

Mas, afinal a vida era assim mesmo levava

aqueles que amávamos em momentos que nem ao menos estávamos preparados para isso. Dava-nos privações e provações que acreditávamos não merecer, mas no final tudo acabava se encaixando. Aproximou-se rezou por Elizabeth e se despediu dizendo que sentiria sua falta.

Se o rei estava inconsolável, seu filho mais velho Eduard então era de cortar o coração e apesar de não ter derramado uma única lágrima, sabia, estava de coração partido seus olhos mostravam isso, somente Eleroy parecia alheio a tudo frio e distante olhava em direção a Sara.

Sua filha dava seu apoio a Eduard e assim como ele sentia-se triste por que amava a rainha, pois sempre fora como uma segunda mãe. Os dois estavam de mãos dadas procurando consolo um no outro, mas Eleroy apenas olhava com raiva, Liz sabia que algo assim não poderia acabar bem, não era certo um irmão invejar o outro desta forma e já vira muitas tragédias causadas por este tipo de sentimentos, não queria sua filha envolvida em algo como aquilo... Em uma disputa de irmãos.

Derrepente riu consigo mesma ela e Elizabethy sabiam que tentar separar Eduard de Sara era algo impossível, eles eram grudados desde criança, e sempre diziam uma há outra um dia terminariam se casando unindo de vez as duas famílias. Mas é claro que Liz sabia

ser brincadeira afinal Eduard era da família real e Sara uma empregada como a mãe, por mais que a tratassem como se fosse da família isso era algo impossível.

Vendo o ódio de Eleroy soube que deviam ir embora antes que o pior acontecesse, mesmo que amasse aquele lugar precisavam ir embora antes não conseguissem mais, antes que fosse tarde demais...

Assim que acabara a cerimônia Eduard e Sara saíram escondidos por uma passagem secreta que os levava do quarto de Eduard e através do labirinto rochoso onde o castelo havia sido construído saindo para a entrada da floresta que ficava do lado sul do castelo. Sara seguia segurando a mão de Eduard logo atrás, o corredor era estreito e não permitia que seguisse lado a lado, Eduard tinha quatorze anos e Sara treze, ele era alto e forte, com o físico de guerreiro e o porte de um adulto, afinal começara a treinar muito cedo.

Ele tinha os cabelos lisos e pretos, e olhos verdes que se destacava na pele morena, seu rosto era quadrado e com malares salientes o nariz pequeno e altivo, uma boca suave e volumosa com um sorriso que

lhe formavam duas covinhas, este detalhe em particular era o mais atraente pensava Sara. Vivia infernizando-o só para vê-lo rir e com isso mostrar esta peculiaridade em seu rosto. Usava sempre algumas tranças que soltas caiam ao longo de seus cabelos, lhe dando um ar de guerreiro, meio selvagem.

Sara por sua vez com seus treze anos era magrela tinha um longo e volumoso cabelo negro como à noite, que caia até a sua cintura, a pele muito branca e olhos de um violeta intenso, maças do rosto suaves e rosadas, mas era reta feito uma tábua, se achava sem graça e perguntava se um dia ficaria como as moças mais velhas do castelo as quais despertavam os suspiros e olhares de interesse de Eduard e dos demais meninos.

Eduard vivia a lhe infernizar por conta disso, dizendo que ela era magrela demais e debochando de sua falta de jeito, Sara era um moleque vivia subindo em árvores e fazendo coisas que outras meninas não faziam, até treinar com Eduard esta treinava, nunca seria uma Dama da sociedade mesmo. E sendo assim pensava que se não podia ser bonita e delicada como as outras moças, pelo menos não seria uma donzela indefesa dependente da generosidade de um homem.

Sonhava com Eduard, que um dia se casaria com ele e teriam muitos filhos. Mas, sabia bem seu

lugar... E esse nem de longe era ao lado dele. Afinal um dia Eduard seria o rei, ela continuaria a ser apenas uma criada bem instruída graças à generosidade da rainha em ensiná-la e perder seu tempo com ela.

Quando chegaram à floresta seguiram até a trilha que os levaria há uma linda cachoeira, este era o lugar preferido deles quando queriam ficar sozinhos e conversar. Eram mais adultos do que as outras crianças que viviam no castelo e conversavam sempre sobre as responsabilidades que Eduard um dia teria seus treinamentos e as perspectivas da Escócia contra seus inimigos os ingleses. Sara era muito inteligente e sempre lhe dava sua opinião a qual Eduard escutava atentamente havia um respeito mútuo entre eles o que os unia ainda mais. Iam até aquele refugio para que Eduard treinasse às vezes e ela o ajudasse fazendo suas lições pedidas por sua mãe que os forçava a aprender sempre mais afinal ele seria o rei um dia.

Mas, para Eduard aquilo era um saco. Sabia ler o que já era suficiente para ninguém vir a enganá-lo no futuro. Porém, o que gostava mesmo era das batalhas, do treinamento com arco e flecha, espada e de cavalgar por sua terra. Jamais seria um rei do tipo apenas diplomata que fica em seu castelo dando ordens enquanto os outros lutam por ele, não Eduard estaria lá presente.

Seguiram até lá e sentaram-se em uma pedra alta próxima a caída da cachoeira, ficaram ali um ao lado do outro sem falar nada apenas contemplando a água que caia contra as pedras. Sara não podia mais agüentar tentara ser forte como Eduard que mesmo tendo perdido a mãe e estar sofrendo não derramara uma só lágrima, podia ver em seus olhos a dor, o sofrimento que se passava por sua alma seus olhos sempre foram transparentes demais sobre seus sentimentos. Mas, Eduard não chorara e Sara até agora tentara se segurar e mostrar ser tão forte quanto ele, porém agora as lágrimas corriam por seus olhos sem poder controlá-las.

A rainha fora uma segunda mãe a acolhera, ensinara como se portar mesmo que não levasse o mínimo jeito nunca desistira, ensinara também a ler e escrever, mesmo tendo uma origem humilde não o tratava com indiferença, e sendo assim aprendera ao longo dos anos como ser uma dama e sempre seria grata por isso, por tê-la tratado como uma pessoa igual e sem distinção por ser filha de uma empregada. Sabia que Eduard seguia o exemplo da mãe e do pai, pois era seu amigo de verdade e estava ainda mais triste por isso.

Eduard não merecia sofrer algo assim tão cruel, ainda mais sendo tão jovem. Imaginara como seria perder sua mãe, sabia que não poderia suportar afinal quando perdera o pai ainda era muito pequena não

conseguia se lembrar direito, mas sua mãe era tudo que tinha, por isso sofria pela perda de seu amigo Eduard.

Este olhara para Sara e quando vira que estava chorando, se entristecera por que era aquilo que tinha vontade de fazer naquele momento. Mas, tentava se segurar para não parecer fraco perto de Sara. Porém, não agüentou então a abraçou puxando-a para junto de seu peito ao mesmo tempo em que as suas lágrimas também começavam a cair.

Sara encostou o rosto no peito de Eduard sentiu o calor que vinha do corpo dele, seu coração estava batendo devagar e ele agora finalmente chorava. O abraçou com força como que para lhe dar forças, as lágrimas dele caíram sobre seu rosto, permaneceram assim por um longo tempo deixando fluir suas emoções sem receio um do outro por que no momento compartilhavam a mesma dor.

O rei sofrera tanto pela perda da esposa que sua aparência parecia ter envelhecido muitos anos, passou a dedicar-se a seus filhos em especial a Eduard, via no filho seu espelho, era igualzinho ao rei quando na mesma

idade, mas tinha os olhos da mãe. Sabia que seria um rei justo e fiel ao seu povo, mais dois anos e poderia morrer em paz tendo cumprido sua missão.

O que ainda lhe preocupava era o filho mais novo Eleroy, também amava muito este menino, desde o momento que nascerá fora feliz com ele, por mais que ele e Elizabeth desejassem uma menina, ao vê-lo ficou contente.

Mas, não conseguia moldar seu caráter, ele tinha uma maldade, uma crueldade, um jeito para fazer mal as pessoas, mesmo ainda sendo muito jovem e o rei não podia entender, nem controlar por mais que tentasse. Porém, não conseguia ficar alheio as suas maldades como gostaria.

E quanto mais lhe castigava, mais parecia instigá-lo a fazer coisas erradas e cada vez piores. Tentava conversar com ele do mesmo jeito que fazia com Eduard, mas nada parecia surtir efeito em Eleroy, sabia também que muitas vezes castigava Eduard por que este assumia os erros do irmão para protegê-lo, mas tinha medo o que isso poderia causar em um futuro distante quando ele já não estivesse mais ali.

Acreditava que Eleroy seria capaz de enfrentar e trair o irmão para tentar tomar seu lugar como rei. Por

que sim o único modo de Eleroy assumir o reino seria se o irmão morresse sem deixar nenhum herdeiro direto.

E com isso o rei prometeu a si mesmo que jamais deixaria algo assim acontecer, Eduard se casaria mesmo antes dele partir ou deixar de ser o rei e pretendia que fosse com Sara, sua força e coragem eram do mesmo tamanho que a de Eduard assim como fora Elizabethy para ele. Tinha certeza que a jovem menina poderia ajudar seu filho a ser um grande homem como nenhuma outra o faria. Havia o problema de sua origem, seu nascimento inferior, mas ele não se importava com isso e sabia que Eduard também não. O importante era a certeza de que Sara sempre estaria ao seu lado e lhe daria o herdeiro de que precisava para tirar Eleroy do caminho.

Os dias passaram e por mais que o rei tentasse Eleroy não mudava, a cada dia tentava ser melhor que o irmão em tudo. Travava uma batalha interna, sempre competindo, mas quanto mais tentava mais falhava e mais frustrado ficava. Parecia que não podia aceitar que o irmão tinha tudo e ele não, tinha o amor do pai, amigos o rodeavam enquanto ele não possuía um único sequer.

Eduard tinha respeito das pessoas e seria o rei. Eleroy não tinha nada e não seria nada, por isso era vingativo e mal, odiava o irmão por ser tudo, culpava-o por tudo. Ele era o que todos desejavam que fosse a perfeição em pessoa e acima de tudo tinha o afeto de Sara sendo que isto era justamente aquilo que mais desejava possuir.

Eduard ao contrário amava o irmão, e sempre o tirava de suas enrascadas. Adorava a companhia da sua inseparável amiga Sara, pois adorava o jeito corajoso dela. Onde estava Eduard estava Sara os dois tinham uma ligação muito forte e ao longo de seus muitos anos cresceram juntos trocando confissões e fazendo tudo um pelo outro. Ninguém poderia mudar algo tão forte, pensavam os dois.

Mas a vida tranqüila de Eduard mudou por completo e o rei Duranty vira mais uma vez a tragédia acertar em cheio sua família fazendo seus sonhos e planos de um futuro feliz e promissor simplesmente ruírem. Eduard viu um grande desafio em seu destino, um grande obstáculo que virava tudo de cabeça para baixo, seu mundo perfeito foi desfeito da forma mais cruel possível e o destino que sempre o favorecera agora decidira brincar de vilão. Viu os seus sonhos fugindo pelo vão de seus dedos sem poder impedir, e aquilo que mais amava e pedia todos os dias para jamais perder

seria a primeira a lhe ser tirada...

“Capítulo II”

*F*altavam apenas cinco dias para Eduard completar seus dezessete anos de vida, o rei Duranty planejava uma grande festa para com isso anunciar que entregaria o trono ao comando do filho, seria uma grande surpresa até mesmo para Eduard. Todo o castelo estava um alvoroço com a perspectiva e preparativos para a festa. Só se falava nisso há dias, seria à volta aos tempos de glória. À guerra havia acabado há mais de dois anos e o vitorioso rei queria fazer de Stirling novamente o castelo belo que fora outrora, como o palco principal de toda a corte. Todos estavam empolgados e em especial os outros jovens do reino, que também se beneficiariam com tal acontecimento.

Sara e Eduard foram expulsos da cozinha mais uma vez pela mãe dela, os dois haviam roubado guloseimas que estavam sendo preparadas e fugiram

rindo e correndo pelos corredores. Encontraram Eleroy sozinho no meio do caminho as demais crianças esperavam lá fora por Eduard e Sara. Ela chamou por ele, mas como sempre este não quis acompanhá-los e com cara de poucos amigos seguiu seu caminho. Eduard deu de ombros enquanto Sara desapontada e sentindo-se culpada observava ele se afastar, sabia que estava em falta com Eleroy havia prometido que treinaria com ele e ajudaria em seus deveres, mas Eduard a chamara e acabara se esquecendo por completo da promessa.

- Vamos junto Eleroy! – disse Sara tentando puxá-lo novamente e impedir que se afastasse, enquanto Eduard a puxava também dizendo que não adiantava seu irmão não iria mesmo. – Eu queria tanto que você fosse! – disse enquanto Eduard a arrastava para longe.

- Eu irei Sara pode ter certeza. – respondeu Eleroy que a observava correndo de mãos dados com seu irmão rindo feliz da vida, um ódio cego e frio saia de sua voz. – Você nunca mais irá me trocar por ele... Nunca mais.

Seguiram junto com os demais amigos do seu grupo, um total de oito meninos e meninas de idades que iam de doze a dezessete anos. Foram todos para o estábulo onde ficavam os animais do castelo, um lugar escondido e apesar do cheiro forte dos animais era

divertido, pois tinham os montes de feno que usavam para se jogarem do alto das vigas.

Eduard acendera os archotes, pois já começava a escurecer e não se via quase nada lá dentro, pensando no que fariam mais tarde prendeu desatento o último archote na parede. Ele e Sara sempre saiam no calar da noite para descobrir os segredos do castelo, mas isso depois que todos se recolhiam, rira lembrando-se de como haviam descoberto por acaso a passagem que levava ao quarto dele. Eles se divertiam muito às escondidas, não faziam nada de errado era verdade, mas aproveitavam bastante a companhia um do outro, hoje não seria diferente ele tinha uma surpresa para mostrar a ela.

Sentaram-se rindo para dividir as guloseimas com os outros, Sara ficava feliz só por estar próxima de Eduard, ele era seu melhor amigo e companheiro para todas as horas dividiam tudo suas alegrias e tristezas eram unidos, como irmãos.

Não pensara Sara, ele não era seu irmão e o carinho que sentia por ele era muito diferente daquilo que sentia por qualquer outra pessoa. Era algo especial, que fazia seu coração bater de um jeito diferente, não saberia explicar o que era, mas sentia uma conexão muito forte com Eduard. Olhava-o agora enquanto ele ria de um dos meninos mais novos que fazia graça com a

comida, seu braço tocou o de Sara e ela sentiu um calor subir por seu corpo, Eduard a olhara com carinho e sorriu.

Então se levantou e a puxou levando-a para ver o presente que ganhara de aniversário do seu pai. Era um magnífico cavalo árabe preto reluzente, jovem muito jovem ainda. Mas era lindo e Sara adorara, ficara ali passando a mão no pescoço do cavalo encantada e este parecia também encantado com ela.

Eduard a olhara pela primeira fez de uma forma diferente seus sentimentos por Sara agora eram confusos demais pensava, antes sabia que era sua amiga fiel e companheira de todas as horas, pensar em sua vida sem ela era algo impossível. Mas, de uns tempos pra cá sempre que a olhava sentia seu coração acelerar, e uma vontade incontrolável o tomava. Sem saber direito o que fazia foi até onde estava tocou em seu rosto fazendo-a virar-se para ele e encostou seus lábios nos dela.

Fora um choque para os dois, ambos não esperavam por aquilo, mas não tiveram tempo para dizer nada, pois um dos garotos atirara um pedaço de um pão doce em Eduard iniciando assim uma guerra de comida. Ambos riram e saíram de onde estavam para participar da bagunça já formada pelos demais.

Eleroy estava observando todos do lado de fora do celeiro, cheio de ódio por não ser ele a estar ali rindo feliz ao lado de Sara, com muitos amigos ao redor, mas a verdade era que ele não era bem vindo sabia disso. Não conseguia se relacionar com aquela ralé, Eduard era politicamente correto demais para perceber que um verdadeiro rei jamais faria algo como aquilo. Eleroy ficava furioso, por que ele sim tinha o dom para o reinado, para governar, mas era seu irmão quem possuía o direito para tal. Injusto isso sim, e Sara... Ela não devia estar ali com Eduard, ele não gostava dela como Eleroy gostava e por tanto não merecia o afeto que esta dispensava aquele tolo. Mas, Eduard pagaria caro por se colocar em seu caminho.

Pagaria por ousar impedir Sara de passar o tempo que havia prometido ajudando-o com seus afazeres. Pois, sabia fora Eduard quem a dissuadira a deixá-lo para trás, esquecido.

Ficou ali fora só observando o que acontecia lá dentro do celeiro, apenas esperando uma oportunidade. Derrepente Eduard acertou um dos archotes presos à parede e o derrubou em cima de alguns montes de feno o fogo se espalhou rapidamente, todos saíram correndo os animais arrebentaram as baias em que estavam presos e fugiram, mas o cavalo de Eduard ficara preso, era muito jovem e não conseguiria sair.

Sara que já estava na saída com os demais voltou foi até ele e o soltou isso impediu que ela própria saísse, pois o fogo a rodeara antes que pudesse passar então empurrou o cavalo que saiu a galope e por sorte não fora atingido. Uma viga caiu poucos centímetros dela e a fez cair no chão. Logo em seguida outra viga do teto desabou e bloqueou sua passagem por completo. Eduard via tudo do lado de fora e gritou para que ela fosse para o fundo do estábulo onde ainda não havia fogo e assim Sara fez confiando no que ele dizia.

A fumaça agora começava a lhe sufocar e arder os olhos, o que eles não sabiam e que no estábulo também eram armazenados alguns barris de pólvora e logo o fogo os alcançaria. Eduard entrara para buscar Sara arrebentando uma das portas do fundo com o pé, não sabia onde havia arranjado força para isso, não que não tivesse porte físico para tal coisa, porém as portas eram feitas de madeira maciça. Mas, seu desespero em ver Sara presa lá dentro era tanto que o fizera conseguir arrombar sem nenhuma dificuldade,

Podia tê-la deixado lá e não se arriscado, mas era seu amigo e sempre que precisara Sara nunca o deixara sozinho, não podia abandoná-la. Só a possibilidade de ver Sara ser queimada e de nunca mais voltar a vê-la em sua vida lhe causava uma angústia que

não conseguia entender. Entrou empurrando Sara para fora, esta quase não podia ver mais nada devido as fumaça e a ardência que sentia nos olhos que insistentemente lacrimejavam. Mal Sara saíra e mais uma viga desabou do teto não acertando os dois por um triz. Eduard gritara para que Sara corre-se dali para chamar alguém estava preso. Mas Sara não tivera tempo mal se afastara alguns passos e uma explosão a alcançou e não se lembrava de mais nada fora atingida pelos destroços e caíra desacordada.

"Capítulo III"

*S*ara acordou zonza e com muita tosse, estava toda suada e sentia-se dolorida e muito cansada. Tentou se levantar, mas, sua mãe a impediu, notou que ela chorava sem parar e estava com os olhos inchados. Tivera medo de que isso fosse um mau sinal e que significasse o pior. Lembrava-se de que Eduard fora o único a voltar para tentar tirá-la do estábulo os outros

correram para longe, lembrava-se também da explosão e dos destroços caírem sobre ela. Isso sem dúvidas justificava as dores que sentia e as marcas roxas que via em seu corpo, além, de algumas queimaduras leves que lhe ardiam bastante, mas Eduard ficara preso estaria ele morto?

- Mamãe Eduard ficou preso... – disse em um sussurro - Voltou para me ajudar, mas não conseguiu sair! – a mãe chorava agora com mais intensidade ainda.

- Nunca serei grata o suficiente pelo que ele fez. – disse Liz com a voz abafada pelos soluços.

- Ele não... – começou Sara sem coragem para concluir a pergunta ficara presa em sua garganta, tinha medo de saber a verdade.

- Não! – respondeu Liz ainda chorando - Ele não morreu, mas, algo muito pior aconteceu. Agora deve relaxar você precisa descansar depois poderá se preocupar com Eduard... Com toda certeza ele precisará de sua ajuda, mas para isso deve se recuperar primeiro. – E dizendo isso lhe deu algo para beber e Sara sentiu um cansaço tão intenso que caiu de imediato no sono pensando que nada poderia ser pior do que a morte? Nada, não podia pensar em nada que fosse pior do que perdê-lo para sempre, tudo o que acontecesse poderia ser

superado desde que ele estivesse vivo.

Os dias se passaram, as festividades que visavam comemorar o aniversário do filho do rei foram canceladas. Eduard continuava desacordado, e talvez assim fosse melhor, pensava Duranty. Ele reagia bem aos cuidados de Alyiha considerado o feiticeiro, curandeiro, druida e até mesmo médico de todo o castelo, era um homem já de certa idade muito sábio e que sempre resolvia todos os problemas físicos que encontrara até o momento. Porém, no caso do jovem Eduard não havia muito a fazer, podia ajudá-lo a sobreviver, mas as marcas permaneceriam para sempre, e iriam dilacerar sua alma todos sabiam.

Ninguém além de seu pai o rei Duranty e Liz podiam vê-lo, Sara tentara várias vezes, mas não conseguira entrar, tendo o próprio rei a impedido várias vezes dizendo sempre em tom gentil que era melhor Sara não vê-lo por enquanto, de qualquer forma ele estava desacordado. Mas, isso não diminuía a angústia que sentia, precisava ver se ele realmente estava vivo ou se mentiam para ela.

Quase duas semanas após o acidente Eduard finalmente acordou, escutou-se então seu grito ecoar por todo o castelo, um grito de dor misturado com uma fúria, fez os pêlos de todo o corpo de Sara se arrepiar. Um criado correra do quarto por que presenciara a cena, e agora contava aos demais o que de fato acontecera... Relatava aterrorizado o que havia visto lá para todos na cozinha do castelo, Sara escondida em um canto escutou o que este dizia...

- O menino ficou deformado parte de seu rosto do lado esquerdo indo da testa ao pescoço e pegando parte do ombro também, tudo ficou totalmente enrugado e retorcido devido às queimaduras... Foi um milagre ter sobrevivido e mais ainda que seu olho não tenha sido queimado também. - Dizia o homem empolgado como se contasse algo muito interessante - Ao acordar o menino ficou feliz ao ver o pai, mas logo notou que algo estava errado, percebeu que o pai evitava olhá-lo diretamente nos olhos, perguntou o motivo e como o pai nada disse mantendo-se de cabeça baixa, provavelmente tentando se controlar, então logo se levantou empurrando todos que tentavam segurá-lo, mesmo ainda sendo um garoto é muito forte e destemido, devo admitir... Mas o pai lhe falava do acidente enquanto o príncipe tentava chegar a um espelho e nós tentávamos impedi-lo.

Todos pareciam interessados, não por se

importarem com Eduard ou sua infelicidade e sim por sentir prazer em saber o que havia acontecido ao príncipe assim de primeira mão. Ainda mais por que por semanas o assunto era proibido, a maioria ria a cada suspense que o homem idiota fazia enquanto narrava à história. Sara sentiu raiva de todos, como podiam demonstrar tamanha indiferença com o real sofrimento do príncipe, só se importavam era com a fofoca e em saber cada minucioso detalhe maldoso do que era narrado.

- Antes de chegar ao espelho parou por um momento e perguntou por Sara, sabem a filha de Liz, pois é estavam juntos no momento do acidente... – riu o homem continuando – Na verdade parece que o tolo voltou apenas para tirá-la de lá e acabou ficando preso em seu lugar... Ao saber que a menina estava bem seguiu até o espelho, ao ver seu rosto seu pavor fora tanto quanto o dos que o cercavam. O pai lhe deu então a mascará que mandara fazer de ouro puro e esta irá lhe cobriria a parte deformada do rosto por que seu pescoço e ombro não há meio de esconder, e ele acabou por pedir para o deixarem sozinho. Claro assim fizemos nem o pai ele quis que ficasse. – riu o homem mais uma vez junto com os demais - Devo dizer que ninguém recusou todos queriam sair de perto dele, é triste olhar sabe é uma desgraça... Ninguém pode acreditar que alguém como ele volte a ser feliz, pois será difícil se é que me entendem... – ele balançava a cabeça como se esperasse que todos lhe

apoiassem – Duvido que alguém vá querer se aproximar dele por livre e espontânea vontade mesmo se vier a ser o rei. Quando chegar então a época de escolher uma esposa... – fez uma pausa e balançou a cabeça como se estivesse desolado – Será difícil alguma mulher conseguir olhar para ele, mesmo com a máscara sua aparência é bizarra. Acredito que agora o futuro rei será Eleroy, pois ninguém irá querer seguir um rei deformado. Mas digo há vocês a culpa disso é da filha de Liz, se não fosse por ela o príncipe não estaria assim, devia tê-la deixado queimar em seu lugar.

- A maior deformação de um homem meu jovem está em seu caráter, jamais em seu rosto ou corpo. – disse o rei Duranty que assim como Sara escutara o que o homem havia dito, ao seu lado vinha Liz - Meu filho com ou sem marcar ainda será o rei pode ficar certo disso! E um dia provará a todos o ótimo rei que teríamos perdido por conta de pessoas preconceituosas e que se julgam aptas a dizer a outras pessoas o que devem ou não fazer... – todos se calaram instantaneamente e abriram caminho para o rei – Liz, por favor, preciso que me ajude com Eduard, pois acredito ele não aceitará os cuidados de mais ninguém, além de você é claro.

- Com maior prazer meu rei, sempre estarei à disposição de Eduard, sempre... – disse Liz mais sabia que agora suas chances de ir embora com Sara do castelo

eram mínimas, se não nulas, mas não poderia virar as costas para Eduard a quem amava como a um filho. Eduard precisaria muito dela e estaria lá com certeza para ajudá-lo, não só por que devia a vida de sua única filha a ele, mas por que o amava de verdade e nunca seria capaz de deixá-lo.

O rei agradeceu com um aceno de cabeça e lançou um olhar reprovador ao criado que indicava bem suas intenções, não toleraria falatórios sobre seu filho, então se retirou do recinto, deixando o mais absoluto silêncio atrás de si.

Sara saiu correndo, chorando desesperada sentia o coração em pedaços. Tinha de ver seu amigo, seu companheiro e salvador, não podia deixá-lo sofrendo desta forma sozinho. Tinha que olhar em seus olhos e lhe dizer que nada importava que continuaria gostando dele como antes e trocaria de lugar se isso fosse possível, sabia que a culpa como dissera o homem era totalmente sua e nada do que fizesse seria capaz de aplacar sua culpa e seu remorso.

Entrou no quarto pela passagem secreta, sendo

que muitas vezes ali se encontravam as escondidas para vagar a noite, pelo castelo e pela floresta explorando juntos cada recanto escondido pelos segredos de Stirling. Encontrou-o sentado em uma cadeira com um olhar frio e distante usando a máscara, e Sara viu como seu olhar estava triste, um sofrimento vindo da alma, tão profundo que não parecia capaz de vir um dia a terminar. Parecia-lhe o mesmo Eduard de sempre usando uma máscara como se fosse para um baile à fantasia, o cabelo estava queimado assim como as mãos, mas estas queimaduras sumiriam como as dela. O Cabelo cresceria novamente já que o couro de sua cabeça não chegara a ser atingido, e graças a Deus seus olhos também não haviam sofrido maiores danos.

Avançou em sua direção e este então percebeu sua presença. Sara pode ver que a máscara cobria sim, seu rosto, porém seu pescoço estava amostra assim com um pouco de seu ombro por sua camisa aberta. Pode ver a pele enrugada que descia até o ombro tinha medo de que o rosto estivesse tão ruim como o resto, mas ainda era ele, seu melhor amigo... Para ela era isso que mais importava.

Eduard olhou-a com medo, queria muito ver Sara chegara até a sonhar com isso, mas agora o medo corroia sua alma. Tivera receio de que estivesse ferida ou que seu rosto tão belo tivesse sofrido como o dele, mas

agora vendo que não sentia um misto de alívio e dor, pois sabia o que devia fazer e não gostaria nem um pouco. Havia decidido evitá-la o quanto pudesse para poder afastá-la, não queria obrigar Sara a conviver com ele, não depois do que havia lhe acontecido, sabia que nunca ninguém poderia conviver com aquilo. Com raiva levantou-se e foi em sua direção decidido iria afastá-la antes que o rejeitasse, antes que sentisse nojo como os outros. Pois, jamais poderia suportar ver aquele olhar nela, o olhar de nojo que os demais lhe lançaram ao ver seu estado.

- O que faz aqui? Disse que não queria ver ninguém isso incluía a senhorita também. – disse puxando a camisa como que para fechá-la e a olhando com uma raiva que Sara não sabia existir nele, ao menos não para com ela, mas mesmo assim o olhou nos olhos.

- Eu vim ver você... Queria estar com você neste momento difícil como esteve comigo nos meus Ed. – disse Sara tentando se aproximar um pouco mais, estendeu a mão e o tocou, porém o toque dela o fez recuar como um gato escaldado diante de água fria.

- Estar comigo? Quero ver se estará comigo quando olhar no que me tornei! – disse amargurado - Ninguém consegue ficar em minha presença ou me olhar diretamente, nem mesmo meu pai conseguiu e olha que

ele é um homem corajoso e já viu de tudo nesta vida, se nem ele mesmo conseguiu não será diferente com você...

- Amigos não abandonam uns aos outros, você esqueceu? É difícil aceitar o que aconteceu, principalmente para aqueles que o amam... E se o seu pai não consegue olhar para você agora é por que sente sua tristeza e gostaria de trocar de lugar para impedir que estivesse sofrendo deste modo!

- Você fala de coisas que não sabe... – disse de forma triste – Saia daqui.

- Não! Você não me abandonou quando precisei e não me peça para fazer isso.

- É e olha o que me custou! – riu friamente com uma amargura profunda apontando para o rosto – Quanto a não abandonar – disse virando-se de costas – Quero ver se será capaz de me olhar como antes Sara... Quando ver o monstro que me tornei.

- Ed... – mas não teve tempo de completar o que ia dizer, pois Eduard virou-se para ela sem a máscara olhando-a com desafio, Sara não pode conter as lágrimas. Não estava preparada para ver aquilo realmente, mesmo que não desviasse os olhos como os outros, ou gritasse com o susto do que vira. Na verdade

não era a face deformada que a fizera chorar e sim a tristeza com a qual ele a olhava, por que sabia... Aquilo era culpa sua e de sua incompetência de fugir sozinha, fora isso que o obrigara a voltar e ajudá-la. Ela deveria estar assim ou até mesmo morta, não seu Eduard.

- Viu o que eu disse! Como pode me dizer em não me abandonar ninguém conseguirá olhar para mim Sara... Vá embora é melhor para nós dois. – disse virando-se e recolocando a máscara.

- Não Ed sou sua amiga...

- Já lhe disse não quero sua amizade nem a de ninguém, sei que se sente grata por que salvei sua vida, mas esta escolha me custou muito mais do que imaginei. Agora vá! – diante da recusa de Sara, perdeu a paciência e gritou com ela uma coisa que não sentia e não queria fazer, mas não podia aceitar a pena ou gratidão e sabia que eram estes sentimentos que a motivavam a permanecer ali – Saia daqui... Será que não entende? Não quero mais olhar para você, pois isso me causa mais dor ainda se não fosse por você não estaria assim.

- Eu sei disso... – ele respondeu chorando.

- Se sabe então me deixe em paz, sua maldita amizade me custou muito caro, agora suma não quero

vê-la novamente e não me obrigue a jogá-la para fora daqui... Não quero vê-la de novo por que se não vou continuar pensando que devia ter deixado você lá, hoje quem estaria assim não seria eu ou quem sabe até tivesse morrido e me livrado de sua presença de uma vez por todas. Se voltar a vê-la em minha frente posso começar a desejar mandá-la embora daqui deste castelo para sempre e sei que este é seu lar e de sua mãe e ela sofreria se deixasse Stirling, então me deixe em paz e farei o mesmo.

Sara não podia acreditar então a culpava pelo que acontecera, não era necessário, já fizera isso assim que ouvira o que o maldito homem dissera a todos, as palavras martelavam em sua mente. Rezou a seus Deuses todos os dias para que o poupassem e a levassem em troca, pois se ele morresse não poderia suportar viver com a culpa. Saiu chorando por que Eduard não compreendia, seu sofrimento passava para ela e que não sentira medo ou nojo ao ver seu rosto, sentira culpa.

Uma culpa esmagadora, por sentir-se totalmente impotente, nada do que fizesse poderia aplacar sua dor. Causara-lhe aquela irreparável tragédia e se a vida de Eduard nunca mais seria a mesma a dela também não, pois sabia o perdera para sempre.

O príncipe Eduard ficara os meses seguintes trancado em seu quarto sem se atrever a sair, nenhuma das tentativas de seu pai parecia surtir efeito sobre ele. Recusava-se a atender qualquer pessoa que não fosse o pai ou Liz e ainda assim nunca a deixava se aproximar dele o suficiente para vê-lo. Mas, conversava com ela naturalmente e perguntava de Sara, porem pedia que não dissesse a ela o que conversavam. Só contava seus verdadeiros motivos para ter afastado Sara e seus sentimentos por ela para Liz, afinal agora era como uma mãe para ele.

Liz por sua vez desempenhava bem o papel de mãe substituta e se aproximava a cada dia mais de Eduard, aos poucos ganhando sua confiança. Agora já conseguia com que ele a deixasse fizer ao menos os curativos que precisava, ou que o ajudasse com seu banho, e passavam horas conversando, onde em alguns momentos ele às vezes até se deitava em seu colo.

Mas, a única coisa que parecia imutável era o assunto Sara. Todas as vezes que o príncipe perguntava por ela e Liz dizia que devia deixá-la se aproximar dele, e este recusava e encerrava a conversa. Eduard não queria proximidades com Sara, dizia que sofreria ainda

mais se tivesse de conviver com a figura bizarra que havia se tornado e gostava dela demais para obrigá-la a isso, um dia ela entenderia, sendo assim Liz nunca insistia. Ela sabia era tempo perdido, quem sabe um dia ele entendesse de uma vez que para Sara bastava saber que ele estava bem.

Nem o irmão Eleroy entrava em seu quarto, porém este na verdade sequer chegara a tentar. Então Eduard não saia para nada, porém não sabia que todas ás vezes que chorava e com raiva blasfemava contra tudo e todos pelo que havia lhe acontecido, alguém chorava com ele. Tão pouco sabia que na verdade nunca estivera sozinho. Mesmo não se atrevendo a tentar entrar no quarto novamente Sara sempre se sentava do outro lado da passagem e escutava o que se passava com Eduard quando estava sozinho e compartilhava de seu sofrimento.

"Capítulo IV"

O tempo passou as semanas se tornaram meses, os meses se tornaram anos. Duranty no inicio procurara pelos quatro cantos por tudo que pudesse ajudar o filho a melhorar. Procurara por médicos no oriente, os mais avançados tratamentos e Alahya também procurava ajudar fazendo tudo o que conhecia, mas nada parecia melhorar. Conhecera um nobre Lorde de Edimburgo que tivera um filho na mesma situação, e fora até ele, eram amigos e Duranty trouxera o menino em uma tentativa inútil de mostrar a Eduard que não era o único e com isso ajudá-lo a superar o trauma.

- O que houve com você? – perguntara Nigel filho do lorde, na tentativa de se aproximar de Eduard e lhe mostrar que havia outras pessoas com o mesmo problema. Nigel tivera o rosto todo dilacerado por cortes, vários ossos de seu rosto haviam se partido e ficara em um estado deplorável entre a vida e a morte. Ao contrário de Eduard, Nigel não usava uma máscara de apenas um lado e sim uma que lhe cobria o rosto todo. Diante do silêncio de Eduard, continuou a lhe falar – Eu estava ajudando meu pai com nossos cavalos, um deles sempre

muito arredio me fascinava, e tentei por muito tempo domá-lo... Meu pai claro já havia me proibido, mas um dia escondido fui até o estábulo e o corcel me atacou, pisoteando meu rosto. Quebrou ossos, fez cortes profundos e nem sei como sobrevivi.

Eduard o olhou então viu que o rapaz era ainda mais novo que ele, mas não parecia mais se importar com seu estado, ao contrário olhava com desafio. Enquanto Eduard o observava este tirou a mascara que usava e lhe mostrou então seu rosto. Era horrível muito pior que o seu, mesmo sentindo pena do rapaz e percebendo que assim como ele sofria, isso em nada ajudou para lhe acalmar o ódio do mundo que o consumia...

- Eu sei que você queimou parte do rosto, mas isso não significa que não pode...

- Agradeço sua visita... Entendo seu sofrimento, mas nada será capaz de me fazer aceitar o que me aconteceu.

- Entendo! – riu o rapaz – Ainda nos encontraremos caro príncipe, sei que assim como eu saberás lidar com o que lhe aconteceu e se fortalecerá diante da sua própria dor. – dito isso se foi, o sofrimento de Eduard era recente, mas assim como Nigel um dia

entenderia e seria ainda mais forte do que antes, mesmo que jamais aceitasse o que acontecera.

Os tratamentos continuaram, e isso só trazia ainda mais sofrimento para Eduard. Alguns chegavam à beira do cruel, como esfolar a pele no intuito que a mesma se regenerasse. Mas em nada adiantavam, as queimaduras haviam sido profundas demais. Até que um dia Eduard, pois um basta em tudo se recusando a aceitar qualquer outro tratamento.

- Mas meu filho...

- Não papai isso não vai me ajudar será que não entende? As queimaduras foram profundas e nada vai removê-las. – dizia Eduard se negando a fazer o que o novo médico trazido do oriente lhe pedia – Não vou permitir que me torturem ainda mais, chega! Apenas me dê tempo, irei me adaptar como posso, preciso ficar sozinho.

E assim foi feito o rei Duranty parou de tentar trazer a cura ao filho, deixou que este se adaptasse como havia pedido, e o tempo apenas passou.

Eduard só saiu de seu quarto quando seu cabelo havia crescido o suficiente para cobrir seu pescoço e lhe proporcionar um ar mais altivo, e maligno devido à máscara. As feições mudaram e seu semblante se tornara pesado como de um homem maduro que agora os seus dezenove anos permitiam. O que os demais não sabiam era que após o primeiro ano de total reclusão Eduard sempre saia do quarto, mas somente quando todos do castelo já dormiam e a noite ia alta. Então se sentia livre novamente, livre para vagar onde ninguém iria procurá-lo.

Mas, Sara sempre o via por que também buscava na noite o conforto para sua angústia. Via o príncipe treinar com sua espada sozinho, às vezes galopar pelas redondezas até quase o raiar do sol e voltar antes que os demais acordassem para vê-lo perambulando pelo castelo, saia sempre pela sua passagem secreta e por isso ninguém o via, já que somente ele e Sara sabiam daquele pequeno segredo.

O pai cansara de se preocupar com os modos do filho e passara a aceitar seu temperamento, tentando respeitá-lo quando este achasse que era hora sairia sozinho de sua reclusão auto-imposta. Apenas se preocupava com o que esta solidão podia causar á ele, já sofria bastante vendo Eleroy feliz com a desgraça que se

abatera sobre o irmão e acreditava que poderia até mesmo ter culpa no ocorrido, mas preferia não apurar nada para não sofrer mais uma decepção com seu filho caçula.

Acusá-lo de ter tentado matar o irmão mais velho seria algo que lhe daria uma profunda dor, preferia ficar sem ter certeza, Eduard afirmava que o culpado fora ele por acertar um archote o qual fez com que o fogo se espalhasse rapidamente sobre o feno. Mas, ele não sabia da pólvora ali estocada, não julgava os riscos reais que isso causaria. Porém, mesmo sabendo deste fato Duranty ainda sentia em seu âmago que havia dedo de Eleroy em tudo por que o fogo se espalhara rápido demais para ter sido apenas um archote caído em cima do feno, como o telhado pegara fogo tão rápido? Não fazia sentido a menos que alguém tivesse espalhado algo altamente inflamável nas vigas. Porém não poderia provar. Preferia então ficar na duvida a ter a certeza que um de seus filhos tentara matar o outro.

O tempo continuou passando sem se importar com o sofrimento alheio... Sara já não encontrava o príncipe Eduard frente a frente há quase dois anos. Assim

como ele crescera e se tornara uma mulher com formas e curvas, seu corpo se tornara esguio e sensual, os cabelos negros como a noite e olhos de um violeta intenso realçavam sua beleza, a boca sensual e carnuda em um tom de rosa diziam que lembrava um pêssego maduro e pronto a ser degustado.

Mas em Sara sempre o que mais chamava atenção era a doçura e ingenuidade, pensava Liz, contrastavam com sua força e determinação. A filha era obstinada e inteligente, firme e ao mesmo tempo delicada, teimosa como a mãe nunca vira ninguém. Era justamente isso que fascinava as pessoas que a rodeavam e de sua amizade desfrutavam, e tudo isso se acentuava a cada dia mais.

Muitos homens do castelo passaram a cobiçá-la como mulher, mas Sara não se interessava por ninguém e a mãe por sorte a achava muito nova para casar-se. Quando algum homem se atrevia com ela sempre havia Silas um amigo de infância que a ajudava espantando o idiota.

Silas era alto forte e encantador, mas era também amigo inseparável de Eduard, dizia que logo teria que escolher um homem e se casar, afinal ele nem sempre estaria ali para ajudá-la.

Liz torcia para que talvez fosse ele mesmo, mas sabia que Sara jamais o veria com tais olhos. Ela tentava não pensar nesses assuntos mesmo quando estava com suas amigas e estas só falavam nisso, mas por mais que negasse seu coração sempre tivera um dono e a cada dia ao vê-lo sozinho e amargurado sentia-se triste. Desejava poder lhe aliviar o fardo que carregava e lhe dar seu amor, mas Eduard era um futuro rei e ela uma simples serviçal do castelo. Se este motivo não fosse o suficiente, ainda tinha o fardo que carregava e não dividiria com ninguém do qual ela era a maior culpada.

Jamais poderia aceitar outro homem, seu coração já estava ocupado. Mesmo sabendo que nunca haveria futuro para eles, mesmo sabendo que a odiava não conseguia pensar em mais ninguém.

Eduard dissera não desejar vê-la nunca mais, ela lhe fazia mal, sua amizade o desgraçara, estas palavras martelavam em sua cabeça todos os dias, como que para lhe punir e não deixá-la esquecer sua culpa. Sonhava com isso, quantas noites acordara aos gritos por conta de pesadelos onde Eduard morria, ou a matava para se vingar do que acontecera.

Sendo assim Sara nunca cruzava o caminho de Eduard, tinha medo de que cumprisse a promessa e a

expulsasse do castelo, não por ela, mas por sua mãe. Esta sempre dizia quando era pequena que morreria se deixasse o castelo, ali era seu lar, amava aquele lugar e a família real a qual se dedicava sempre com afinco, então se fossem expulsas por sua culpa seria mais um fardo para que carregasse, e mais uma pessoa que amava que faria sofrer.

Sara ansiara por muito tempo ir embora, mas a mãe sofreria, então preferia continuar sentindo-se cada vez mais sozinha sem nada reclamar. Evitava encontrar com Eduard, nunca ia a um lugar onde ele poderia estar. E quando raramente se encontravam por um acaso nos corredores do castelo Sara abaixava a cabeça e passava rapidamente por ele sem fazer-se notar. Para sua sorte Eduard agora também não olhava ninguém nos olhos, sendo assim conseguia facilmente passar despercebida nessas situações. Porém, continuava a observá-lo de longe quando em suas cavalgadas pela noite procurava refúgio e paz.

Não conseguia se desligar dele por completo, não podia continuar sua vida como se nada tivesse acontecido, por mais que outros lhe dissessem para fazê-lo. Ela não conseguia, ainda sentia-se culpada demais, quem sabe se um dia Eduard seguisse em frente, se ele fosse feliz novamente ela também poderia. Enquanto isso só lhe restava observá-lo atentamente e sofrer com ele.

Sempre arriscava indo à passagem para ouvi-lo, conversar com Silas seu único amigo, ou simplesmente ficar ali por que este dormia tranqüilo. Várias foram às vezes que escapara por um triz de ser pega no labirinto, mas sempre acabava arriscando por mais perigoso que fosse confrontá-lo, desejava em seu intimo por aqueles momentos onde podia se aproximar sem ser notada, precisava ouvi-lo, senti-lo perto, mesmo que não admitisse nem a si mesma.

Mas, o que não sabia é que quando ia ao labirinto acabava deixando seu perfume no ar o que fazia Eduard desconfiar da presença de alguém. E que este achava o perfume familiar, porém para sua sorte ele acabava pensando que estava louco o que alguém estaria fazendo ali em um lugar secreto? Afinal ninguém conhecia a existência daquela passagem, sem dizer que ninguém iria querer se aproximar dele por livre e espontânea vontade pensava amargurado como se já tivesse se esquecido de sua amiga de infância.

Ao completar por tanto seus dezenove anos o príncipe decidira começar a circular novamente

livremente pelo castelo. Cansara de se impedir de viver, já que não havia morrido não tinha culpa de ter uma marca, os outros que o evitassem se achassem melhor. Não iria impor sua presença a ninguém, mas também não iria mais se excluir do mundo por que as pessoas podiam ficar constrangidas com sua presença.

Estava mais amargurado, porém sua presença não causou o que esperava, pelo contrário sua popularidade com as mulheres do castelo parecia ter apenas aumentado. Ele sabia que na verdade viam nele um prêmio borrado de uma vida melhor, mas isso não impedia que aproveitasse um pouco. Seu único e real interesse agora era pela guerra, todo e qualquer conflito que havia Eduard estava lá para ajudar o pai e comandar suas tropas.

Com o passar do tempo mostrara não somente ser um bom guerreiro, por dominar as técnicas de batalha, como mostrara ser um bom estrategista, e um excelente comandante. Sempre fazia seus homens ficarem confiantes e com isso conquistará muitas vitórias. Fosse contra os ingleses, franceses ou qualquer outro que tentasse tomar a Escócia ele sempre saia vitorioso.

Havia graças a este fato conquistado o respeito e admiração de seus homens, de seu povo em geral. Estes

já não se importavam tanto com o fato de seu rosto ser marcado. Na verdade seu povo o achava mais humano mais acessível e parecido com ele próprio, pois mostrava que ele também sangrava, ele também sofria.

Silas seu antigo amigo de infância o seguia lealmente, aonde um ia o outro sempre estava junto, tornara-se o braço direito de Eduard para tudo desde as farras com as mulheres, como de suas aventuras pela Escócia ou pelas cruzadas no oriente. Agora o exército respeitava seu futuro rei, Eduard os comandava com segurança e estratégia de um bom guerreiro, e acima de tudo participava junto com seu povo lutando pela segurança de todos, ajudando nas melhorias continuas por todo o país ao invés de como todos esperavam ficar atrás de uma mesa apenas enviando ordens e enchendo seus cofres.

Conforme o tempo passava sua fama aumentava, se tornara uma lenda que corria toda a Escócia. Era o homem mascarado e imbatível, cruel que não perdoava seu inimigo e não temia a morte. Por este mesmo motivo tornava-se perigoso para seus inimigos e também sem perceber para si mesmo, ficando cada vez mais temido e invencível ficava mais confiante e vulnerável devido a este excesso de confiança.

Sem perceber com isso que Silas muitas vezes

tinha de redobrar seus cuidados para tirá-los das encrencas. Era fato o inimigo temia sua figura, a simples visão dele no campo de batalha todo de negro em seu cavalo também negro era como se a morte pedisse passagem e muitos corriam de sua figura altiva. Mas, ao mesmo tempo Eduard acabava descuidando de sua própria defesa se arriscando sem medo no meio de todos e Silas era quem sofria as conseqüências ficando em seu encalço para garantir sua segurança.

Vestia-se de negro, com sua máscara agora também pintada de negro. Tinha um ar feroz nas batalhas e muitos diziam que era um demônio e não podia ser morto. Mas, quanto mais conquistas obtinha Eduard, mais temido ficava aos olhos dos inimigos, porém mais sozinho se tornava. Por mais que houvesse mulheres dispostas a lhe compartilhar o leito sentia falta de alguém, um alguém que no passado fora especial e de quem seu teimoso coração parecia não querer esquecer.

Por mais que tentasse não podia tirá-la do coração, em todos os olhos procurava os dela, seus lábios macios, mas a muito não a via, nem ouvia falar dela. Com certeza fora para longe dali, já que nem mesmo Liz lhe falava mais sobre Sara, então Eduard acreditava que talvez a mãe houvesse lhe enviado para viver com parentes próximos sendo este o motivo de suas ausências ao longo dos anos.

Já Sara ficava com o coração apertado olhando o horizonte esperando ele voltar em segurança, sem conseguir pensar em mais nada enquanto Eduard não estava na segurança do castelo. Sabia que Eduard não mais temia a morte, mas ela temia por ele mesmo assim. Sendo exatamente sua falta de medo da morte o que a preocupava.

"Capítulo V"

Naquele momento observava o horizonte esperando seu retorno, ansiosa por saber se estava bem, ela via ao longe a poeira levantada pelo galope dos cavalos. Esperaria até que chegassem mais perto para poder ver se Eduard estava seguro e vivo, depois iria se retirar para a cozinha onde sabia que ele nunca iria. Viu quando entrou no pátio interno do castelo e dirigiu-se para o labirinto que o levaria aos seus aposentos, mas foi interrompido por algo antes de chegar ao caminho.

Percebeu que estava bêbado, provavelmente passara a noite comemorando a vitória. Mesmo sentindo-se feliz por que ele estava de volta e por sua vitória, não pode deixar de pensar que aquele não era o homem por quem seu tolo coração batia mais forte. Se tudo não tivesse acontecido daquela maneira ele jamais teria se tornado aquele homem frio e distante.

Ele sorriu de um jeito perigoso, não aquele bonito sorriso que ela tanto adorava. Então parou ainda sorrindo e olhando para algo que Sara não podia ver, foi um pouquinho mais pra frente e viu que beijava uma das empregadas. Conhecia aquela garota, pois era esta que lhe servia, chamava-se Lisandra.

A garota tinha um caráter desprezível, todos no castelo sabiam, mas pelo visto não o futuro rei. Lisandra estava de costas para Sara, que estacou sem poder mover-se quando seus olhos encontraram os de Eduard. Quantos anos haviam se passado desde a última vez em que se olharam assim? Nem ao menos podia se lembrar, e por um momento o mundo parecia que havia parado. Ela não sabia se ele a reconhecera, mas também não deu tempo, saiu correndo dali o mais rápido que suas pernas trêmulas lhe permitiram.

Eduard por sua vez pensava que tinha tido uma miragem jurava ter visto Sara, mais adulta, mais bonita

do que se lembrava, mas com certeza era Sara. Riu pensando que estava bêbado demais e tendo visões agora, porém tinha perdido a vontade de satisfazer os caprichos de sua amante Lisandra a soltou e foi para seu quarto, mas ela era insistente e o seguiu. Ao se deitar com Lisandra era em Sara que Eduard pensara e em seus olhos violetas e seu cheiro de flores que satisfaziam os seus desejos.

Depois do afastamento entre Eduard e Sara sua mãe havia ficado mais tranqüila por que Eleroy agora não teria por que fazer mal a Sara, porém este se aproximava cada vez mais dela tentando preencher as lacunas deixadas por Eduard. Passava todo o tempo que podia ao seu lado, e era a única pessoa a quem dedicava seu carinho e afeição e o melhor de si, sempre sendo gentil e educado.

Eleroy também começara a seguir o irmão nas guerras e nas suas glórias tornando-se um excelente guerreiro como era esperado, ficava feliz quando Sara lhe perguntava sobre as batalhas acreditando esta se importava com o que poderia acontecer a ele. Mas, sem perceber lhe contava tudo, e na verdade era de Eduard

que Sara queria realmente saber e conseguia tirar as informações que buscava sem que este percebesse.

Não que Sara não se preocupasse com Eleroy, ou com sua segurança. Temia por ele como pelo próprio Eduard, mas infelizmente não seria capaz de corresponder as expectativas de Eleroy, pois seu coração estava fadado a ficar preso por Eduard.

Mais dois anos haviam se passado e os dois já eram homens feitos que agora seguiam o pai em tudo, mas Eleroy possuía a fama de mulherengo e já tinha assediado a maioria das mulheres no castelo. Era violento quando não conseguia o que desejava, mas Sara desconhecia este seu lado não conseguindo acreditar que o menino doce que era sempre tão gentil com ela fosse capaz de algo ruim.

Porém, ele fora acusado de estupro por pelo menos duas meninas da região, duas meninas que fisicamente lembravam de alguma forma Sara. Fosse o cabelo, ou a altura, sempre havia algo parecido com Sara em todas as meninas assediadas por ele. O rei teve que dar muito dinheiro para livrar o filho, de tais acusações e o pior é que este não fizera o mínimo esforço para se quer negar o que era dito.

Sara se mantinha o mais longe possível de